

Escrito por Sofia Piçarra

AUTOCARROS COM FAMÍLIAS JUNTAM-SE HOJE AOS TRACTORES

Agricultores trazem angústias a Coimbra

Os produtores do Baixo Mondego desfilam hoje na Baixa de Coimbra em protesto pela ausência de apoio do Governo em tempo de crise, e alertam para perigo de explosão social em Setembro

A crise na agricultura trouxe ontem os produtores do Baixo Mondego em protesto até Coimbra, depois de uma marcha lenta pela Estrada Nacional 111 que teve início durante a tarde em Montemor-o-Velho.

Perto de 200 veículos agrícolas chegaram pelas 20h00 junto à delegação da Direcção Regional da Agricultura, na Avenida Fernão de Magalhães, onde ficaram estacionados, e onde os produtores passaram a noite. Uns ao relento, outros dentro das carrinhas, a maioria não arredou pé, optando por esperar ali para participar nas iniciativas de contestação agendadas para hoje, a que se vão juntar alguns autocarros com as famílias. O objectivo é fazer um desfile pela Baixa de Coimbra, em direcção ao Governo Civil, onde vão entregar um documento com várias exigências para o sector. «Vamos defender o leite, o arroz, o milho e os produtos hortícolas», garante Carlos Laranjeira, um dos dinamizadores do protesto. Pelo meio, prometem duas surpresas «para marcar Coimbra».

Os agricultores, denuncia Carlos Laranjeira, «estão em ruptura financeira». E os exemplos que se ouvem são vários. Isaías Simões, de Tentúgal, investiu 3500 euros por cada hectare de batata, que vai agora vender por cinco cêntimos o quilo. «Vou perder entre 15 a 20 mil euros em 360 toneladas de batata». No milho, onde ainda depositava algumas esperanças, o produtor de 43 anos que toda a vida trabalhou na agricultura, também se vê «em maus lençóis». «Já se fala em baixar o preço, e se nem o milho me der, tenho que ir roubar para a estrada».

«Tenho que vender seis litros de leite para poder comprar um litro de gasóleo, que gasto em menos de meia hora», lamenta outro produtor, que na última semana recebeu mais uma carta «a avisar que nos vão pagar menos dois cêntimos por litro».

“Não queremos subir o preço aos consumidores”

Cada manifestante traz uma história de revolta, por isso, Carlos Laranjeira avisa: «as pessoas sentem-se maltratadas, e se até Setembro não houver solução, vamos ter uma explosão social que só se deve à inoperância do Governo».

O que exigem é que «se sentem à mesma mesa os sectores da produção, transformação e distribuição para que termine esta guerra». «Não queremos subir os preços ao consumidor», garante o produtor de arroz. «Mas queremos que a crise seja distribuída pelos três sectores» porque, entende, «quem está a perder é o produtor, uma vez que não podemos competir com os grandes distribuidores e estamos no fim da linha».

No protesto, organizado por um movimento informal de produtores do Baixo Mondego, participam as cooperativas de Coimbra, da Tocha, de Bebedouro, e Ferreira-a-Nova, bem como a Confederação Nacional da Agricultura. Às cooperativas chegam diariamente «histórias dramáticas de quem já não tem sequer para pagar à Segurança Social e está a ficar sem dinheiro para sustentar os filhos», alerta Mário Oliveira, presidente da cooperativa da Tocha, entidade que tem disponibilizado

antecipadamente as verbas de apoio para ajudar os sócios.

Ganhar o hábito de consumir o que é nacional

Carlos Laranjeira exemplifica que no sector do leite «Portugal não pode colocar no mercado o produto aos preços que pratica, mas também não consegue competir porque um produtor português recebe cinco vezes menos que um espanhol e oito vezes menos que um francês». O Estado, diz, «pode e deve moderar a situação, e neste momento tem que garantir os agricultores, porque estão numa situação de estrangulamento». E acrescenta que os consumidores não percebem que existem subsídios «para que o produto chegue mais barato à mesa».

Para Mário Oliveira, o consumidor também tem que «habituar-se a consumir o que é nacional, mesmo que seja um pouco mais exigente na carteira, porque é sinónimo de qualidade» e impulsiona um sector da economia.
